REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

26.º Anno — XXVI Volume — N.º 875

20 DE ABRIL DE 1903

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

GENERAL CRAVEIRO LOPES — COMMANDANTE DA 1.ª DIVISÃO MILITAR

CHRONICA OCCIDENTAL

Quem tal havia de dizer que, com tão lindo tempo, contra elle tantas imprecações se ouvissem?

Não ha manhã mais formosa de que esta em que estou escrevendo, nem verde mais bello que o das arvores que da minha janella avisto. Até o calor que a principio veio de assustar parece querer abrandar agora. A dias esplendidos seguem-se noites deliciosas.

Tantos elogios fizeram á primavera quando ahi esteve o rei de Inglaterra, que ella, desvanecida, resolveu deixar-se ficar e amesendou-se ahi, mão grado a gritaria dos lavradores que, apoz haverem perdido toda a fava, andam arriscados a que se lhe vá todo o trigo e vêem todo seu gado na espinha.

Nem tudo são rosas. Este proverbio que por sediço já faz sorrir ás vezes sai-se tragico.

Entretanto, aproveitando o que vai cá pelo sul, (que pelo norte, em Paris, por exemplo, até neve tem cahido) andam chefes de estado e testas coroadas em passeio pelo Mediterraneo e seus portos e cidades mais proximas.

Continua em viagem, de que felizmente só boas noticias nos teem chegado, a Rainha de Portugal, sr.ª D. Amelia. El-rei de Inglaterra prosegue a sua, e telegrammas contam-nos a recepção que teve em Argel o presidente da Republica franceza, sr. Loubet.

Fala-se menos agora da viagem de El-rei de Hespanha a Lisboa, mas em compensação conta-se que virá a Portugal El-rei de Italia.

Dizem muitos que estas viagens se relacionam com o ideal de manutenção de paz que floresce, graças a Deus, nos cerebros de todos os imperantes. Tudo é consolidar allianças e manifestar desejos de inquebrantaveis amizades.

Todos, afóra estorvados chauvinistas, teem um *amen* no coração, mas ninguem deixa de deitar um rabinho de olho, muito afflicto, para os telegrammas de Marrocos e de Macedonia.

Guerras!... Quem pode agora pensar n'isso com o tempo lindo que nos favorece aos que temos vagar para admirar certas coisas, céo azul e arvores verdes, estrellas da noite e scintillações do Tejo!

Desde manhã muito cedo, que oiço cantar n'uma arvore do collegio Arriaga a tutinegra que todos os annos vem trinar para ali a historia dos seus amores.

Não será melhor ouvil-a do que prophetas de má morte?

A primavera vai linda e o mal foi apenas o calor com que appareceu.

Os theatros tiveram suas razões de queixa, com excepção do Colyseu que parece ter sido construido exactamente para os dias quentissimos. As enchentes teem sido continuas e as operas que o sr. Commendador Santos Junior offereceu ao publico de Lisboa, *Aida*, *Ernani*, *Trovador*, etc., teem sido realmente bem cantadas, se attendermos sobretudo ao preço porque nos são fornecidas.

No theatro da Avenida, a companhia que este inverno funccionou no Porto, no theatro Carlos Alberto, tem representado com muito applauso a revista *Por cima e por baixo*, obra de Sá de Albergaria, um dos mestres no genero, muito bem ensaiada e com optimo scenario e guarda-roupa.

No theatro de D. Amelia estão quasi a terminar as recitas da companhia portugueza e não tarda que na formosa casa de espectaculos assistamos á estreia dos trez famosos actores que usam o celebrado nome de Coquelin.

O Visconde de S. Luiz não desgosta de nos fornecer de quando em quando estas *sandwiches* deliciosas: a Bartet no principio da epoca, no fim o Coquelin e familia. Os mezes de companhia portugueza não foram tambem máus de todo, ainda que nenhum exito de peça houvesse d'estes que ficam celebrados para todo o sempre.

Ultimamente, porém, alguns espectaculos houve notaveis, sendo sobretudo de lembrar aquelle em que foi prestada homenagem a um dos mais notaveis auctores do Brazil, o poeta, jornalista, critico, Arthur de Azevedo, cujas producções o publico de Lisboa tem ultimamente applaudido muito: no theatro da Trindade a *Capital Federal*, no theatro D. Amelia o *Bandolim*.

A recita foi promovida pela Associação dos Jornalistas de Lisboa, o que quer dizer que foi digna do illustre collega que a inspirou.

Foi o jornalista Lourenço Cayolla quem primeiro discursou exaltando o valor de Arthur de

Azevedo, em repetidos traços dando-nos conhecimento de todo o alto valor da actual litteratura brazileira, mostrando a significação d'aquella festa. Applaudido como merecia, seguiu-se a recitação de versos de Lopes de Mendonça, de Jayme Victor, de Affonso Vargas, de Candido de Figueiredo, de Moraes Pinto e de João da Camara, recitados por Brazão, Maria Falcão, João Rosa, Chaby, Augusto Rosa e Rosa Damasceno. O actor Valle disse versos de Arthur de Azevedo e a primeira parte do espectaculo terminou com um enthusiastico discurso de José Antonio de Freitas que obrigou a platéa aos mais delirantes applausos.

A festa foi realmente digna do encantador homem de letras que a inspirou.

Havia alegria no theatro, no palco sobretudo, porque realmente Arthur de Azevedo é dos mais estimados no Brazil, onde acolhe sempre com a maior bondade todos os artistas portuguezes que lá vão buscar um pouco de conforto para a vida.

ARTHUR DE AZEVEDO

Nem sempre com felicidade. Haja vista a profunda tristeza que em todos produziu a recente noticia da morte da infeliz Georgina Pinto, uma rapariga de valor que, havendo-se notabilisado ha poucos annos n'um papel d'uma complicada peça de Décourcelle, breve attingiu fóros de primeira actriz.

Um caso triste foi este de que ainda se ignoram pormenores.

D'outros daremos ainda succinta noticia, que os ha sempre, qualquer que seja contra elles a nossa má vontade.

A explosão em Chellas, na fabrica de polvora sem fumo, causou a morte de dois desgraçados operarios e feriu alguns outros.

Mas ainda maior commoção tem produzido o caso dos cento e tantos soldados de infantaria 18, revoltados no Porto contra a sua transferencia para Aveiro e que brevemente devem marchar para differentes destinos no Ultramar.

Diz-se que as familias d'estes desgraçados vão implorar de El-rei a clemencia para estes infelizes.

Parece que com este sol tão bello que nos allumia não deveria haver lagrimas nem gente vivendo fóra de sua liberdade, quando só d'esta tudo nos fala na natureza. A primavera inclina os corações para o bem. A gente sente com mais intensidade e sente melhor.

Deixemos, porém, miserias, fallemos um bocadinho de arte consoladora.

Abriu um d'estes dias a exposição de bellas artes na Academia de S. Francisco.

Quatro salas apenas d'esta vez; mas os mestres lá estão quasi todos.

Não faltou El-rei, cujos quadros, paisagens do Sado, teem sido dos mais admirados, como sempre. Os nomes que mais nos attrahem a attenção lá os vemos assignando meia duzia de telas muito boas.

Mas o que na exposição d'este anno mais tem produzido enthusiasmo é a obra de Teixeira Lopes, que d'esta vez se resolveu a apresentar-nos o que tinha de melhor em seu *atelier* e algumas de suas estaturas que na grande exposição de Paris lhe mereceram a mais alta recompensa.

Logo na sala de entrada admiramos a bella composição, a estatua representando a *Historia* e que o grande esculptor compoz para o tumulo de Oliveira Martins.

Mais não houvesse que admirar na obra do artista, este unico exemplar nos diria qual o seu talento, qual o orgulho que devemos sentir em o sabermos nosso e da nossa epoca, e podermos apertar-lhe a mão, o homem que tão alto levou sua fantasia e tamanha e tão sentida obra d'arte executou.

Não é uma estatua banal da *Historia*, mais ou menos feita segundo moldes batidos. Não, não é absolutamente nada d'isso. E' a historia de Portugal, tal como foi escripta em nossos tempos; é a saudade da luz que foi, é o crepusculo em que vivemos. Haverá ainda uma esperança n'aquelle olhar? Haverá ainda uma resposta animadora á pergunta com que Oliveira Martins terminou a ultima pagina eloquente? E' possivel.

Mas que nos diz o olhar d'aquella mulher que ali vemos fundida no bronze? Porque é ella assim enigmatica e porque assim nos faz sonhar?

Que enorme artista compoz aquella figura e como ainda maior nos parece, ao encaminharmo-nos para as outras salas, ao vermos todas as aptidões do seu talento, ao pararmos, por exemplo, deante d'aquelle pequenino de mezes, nusinho, com as roscas de suas pernas gordas, as suas mãosinhas papudas, a boquinha estendida, e pescoço franzino, a falar-nos de beijos, a inspirar-nos ternura!

Um assombro. Só com esta palavra se define a impressão que Teixeira Lopes nos produziu.

João da Camara.

GENERAL CRAVEIRO LOPES

Ahi pelo tempo da revolução da Maria da Fonte, pouco mais ou menos, andavam no collegio do sr. Pedro Gabriel da Silva Martins, na rua da Emenda, á esquina da do Loreto, duas creanças, uma das quaes, de seus onze annos de edade, estudava latim e varias coisas, e a outra, quatro annos mais nova, andava naturalmente mais atrazada, iniciando-se nos mysterios da grammatica do Lobato e lendo por cima as paginas emphaticas da vida de D. João de Castro.

Este pequeno estudantesinho era o actual commandante da primeira divisão militar, e o mais edoso era quem isto escreve.

Correu vertiginoso o tempo, e sorte varia afastou, por largos annos, os dois condiscipulos, de tal arte que, se algumas relações tiveram na aula, d'ellas não restava memoria, nem para um nem para outro, quando vieram a encontrar se no serviço da secretaria da guerra, de que o illustre general era director geral, sendo o seu antigo companheiro de collegio chefe de uma das repartições, sob as suas ordens.

Um dia, o Motta, aquelle lendario mestre de latim, que o inverno de 1901 prostrou com perto de noventa annos, e que nunca deixara de ter comnosco pessoalmente as melhores relações, disse-nos que, de todos os seus discipulos no collegio de Pedro Gabriel, os que mais tinham progredido na carreira publica eram o general Craveiro Lopes, o dr. Carlos José de Oliveira e quem este escripto assigna, já então, como agora, chegado ao posto mais alto do quadro dos medicos militares.

Foi assim que, por acaso, soubemos ou relembrámos que, no mesmo *Atheneu Lisbonense*, como se denominava o collegio, tinhamos recebido a lição do *hora, horæ* do austero e pouco amoravel mestre do latim, com quem, a esse tempo, os rapazes embirravam soffrivelmente.

Não era necessario porém evocar esta recordação da infancia, obliterada no espirito de ambos, para sobre ella estabelecer a amisade, que as relações de serviço haviam firmado já, e nunca a houve mais generosa e de mais dedicados affectos de parte do illustre general, nem mais respeitosa e grata da nossa parte.

Vem isto a dizer que nos reconhecemos incompetentes pela suspeição d'essa mesma amisade, para esboçar sequer a nota biographica, destinada a acompanhar o retrato de Craveiro Lopes, e se a esta incompetencia juntarmos a que deriva dos preceitos disciplinares, prohibindo-nos a apreciação do illustre official a cujas ordens servimos, temos de confessar que ficamos limitados a transcrever simplesmente para aqui o que consta dos documentos officiaes, sem nos ser licito acrescentar o mais leve commentario, que, ainda quando fosse justamente elogioso, nos é defeso.

Mas pois que a redacção do *Occidente* nos reclama o concurso da nossa penna, e a acompanhar o retrato d'este distincto homem publico traçámos recentemente alguns periodos no *Correio da Europa*, nem queremos que aqui se faça a transcripção pura e simples do que alli escrevemos, nem temos por que nos afastar do que alli se publicou.

Nasceu Francisco Hygino Craveiro Lopes em 25 de outubro de 1838, e seu pae, distincto official de artilheria, que tambem ascendeu ao posto de general, destinou-o, desde verdes annos, á carreira das armas, fazendo-o assentar praça aos 14 annos incompletos, e feitos os estudos preparatorios com precocidade notavel, matriculou-o no curso superior, antes da edade legal e a favor de portaria especial.

O amor de familia, que sempre foi caracteristico no moço estudante, e o exemplo paterno, levaram-o a acceitar com enthusiasmo a carreira militar, preferindo, entre todas, a arma em que seu pae se illustrára; e assim o vemos, aos 21 annos, despachado official de artilheria, e, dois annos mais tarde, promovido a primeiro tenente.

Demorando-se quatro annos n'este posto, ascendeu ao de capitão, considerado e bemquisto nos corpos onde serviu e nas commissões que desempenhou.

Em 1879, com mais de doze annos de effectividade no posto de capitão, foi promovido a major, em 1884, a tenente coronel, e em 1888, a coronel, tendo, entre outras commissões, tido a honra de obter a de commandante do regimento de artilheria n.º 1, a mais apreciada pelos officiaes da arma.

Dadas as provas para general, foi Craveiro Lopes chamado ao desempenho das altas funcções de director geral da secretaria da guerra, onde foi encontrar o accesso a general de brigada em 1894 e a general de divisão em 25 de maio de 1900, aos sessenta e dois annos incompletos da sua edade e depois de quarenta e oito de effectivo serviço, dos quaes mais de quarenta como official.

Como dissemos, no já citado e recente artigo, Craveiro Lopes mostrou altas qualidades e competencia no desempenho da commissão de director geral da secretaria da guerra, porque é ainda dos raros homens que tem o amor ao estudo, ligado á consciencia do dever, de tal arte que mais se compraz em consagrar as horas da noite á solução de um problema dos que interessam á sua arma ou em conhecer a fundo um processo burocratico dos muitos que se accumulam na secretaria da guerra e sobre que o director geral tem de informar o ministro, do que em as dispender nas agradaveis distracções sociaes de reuniões e espectaculos.

Para o general, como para o aspirante, a noite foi dedicada ao estudo, e tanto n'elle esta febre de saber está radicada que, tendo um de seus filhos seguido, com muita distincção a carreira medica, em que hoje é illustre como clinico e como operador, o acompanhou nas horas do estudo domestico, o encaminhou e lhe serviu de exemplo e de estimulo para o proseguimento do curso.

Tem o exercito portuguez um alto nivel de illustração nos seus officiaes, e entre elles não raros que excedam de muita maneira a média, occupando Craveiro Lopes, no meio d'elles, ainda um logar distincto, como sendo um dos officiaes mais illustrados e sabedores.

Austero, grave e sério, tem o incondicional amor pela carreira que escolheu e nunca quiz nem pretendeu ser senão official, não se lhe conhecendo jámais affeições politicas, intuitos partidarios, desejo de tomar parte na lucta dos negocios publicos, para se manter na serena esphera das suas occupações militares.

Quando, por morte do general Coelho de Campos, ficou vago o commando da 1.ª divisão militar, foi o general Craveiro Lopes transferido para esta alta commissão, sendo tambem nomeado ajudante de campo effectivo de Sua Majestade El-rei.

O illustre official tem a grã-cruz, grande officialato, commenda e habito de ordem de S. Bento de Aviz, o officialato de S. Thiago, a grã cruz do merito militar espanhol e a medalha de ouro de bons serviços com o algarismo n.º 2, o que representa grande somma de louvores em ordem do exercito pelo desempenho de commissões extraordinarias de serviço.

Dissémos do homem publico, com as restricções que, por dever, nos são impostas. Do homem particular só temos a dizer que é um cavalheiro estimabilissimo e affectuoso, e que a sua vida é dedicada á familia, partilhando affectos entre a esposa, a mãe, respeitavel octogenaria que elle adora e os filhos, que o adoram a elle, começando o coração a desdobrar-se-lhe em affectos pelos netos.

De uma vez perguntámos-lhe, em conversação familiar, porque escrevia com *y* o seu sobrenome, e elle respondeu-nos e muito natural e singelamente, que bem sabia dever ser escripto com *i*, mas como assim o escrevera seu avô e assim o recebera na tradição da familia, assim o respeitava e queria respeitar sempre.

Comprehende-se e avalia-se bem quanta poesia ha n'esta veneração pelos antepassados de que, ainda nas coisas minimas, se faz um culto e uma religião, a tornar intangiveis as tradições de familia.

E se mais não dizemos é porque, como denunciámos logo, temos a honra de consagrar ao illustre general sincera amisade e porque tivemos tambem a honra de servir sob as suas ordens, encontrando n'elle sempre mais um amigo do que um superior.

E tanto prazer temos em recordar e affirmar estas relações de hoje, tão affectuosas e boas, como em deixar ir correndo a imaginação pelos tempos volvidos, até aos descuidosos e afastados dias da meninice, quando, no collegio da rua da Emenda, nem Craveiro Lopes pensaria em que tão distincto e brilhante futuro lhe estava reservado, nem nós em que teriamos a honra insigne de traçarmos, a seu respeito, estas modestissimas notas biographicas.

Ai! tempos da infancia! tempos da infancia! como fogem rapidos, e quão doce é, na velhice, recordal-os!

A. M. da Cunha Bellem.

AS NOSSAS GRAVURAS

VISITA DE EDUARDO VII A PORTUGAL

A SESSÃO DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA

Foi no dia 4 que se realisou a sessão em honra do rei Eduardo na Sociedade de Geographia.

Para esse fim foi ornamentada a sala *Portugal* com galhardetes historicos allusivos ao reinado de D. Manoel, e decorados os candelabros da primeira galeria com ramos de flores naturaes.

A meio da sala armou-se um estrado coberto de veludo vermelho, sobre o qual foram collocadas as duas cadeiras historicas que serviram para D. José I e D. Maria Anna Victoria assistirem á inauguração da estatua equestre no Terreiro do Paço, e aos lados d'estas outras duas cadeiras douradas, mais pequenas.

Do estrado partia um tapete escuro que se prolongava n'uma passadeira até á entrada principal.

O fundo da sala, no ponto onde fazia costas ao estrado, estava forrado a veludo *grenat* adamascado e franjado de ouro, servindo de moldura ao bello quadro de Velloso Salgado, *A primeira apresentação de Vasco da Gama ao Samorim.* Sobre o quadro via-se um escudo com as armas reaes de Portugal, rematando um tropheu constituido pelas bandeiras portugueza e ingleza, do tempo de el-rei D. Manoel.

O quadro de Velloso Salgado tem a data de 1898 e foi premiado com a medalha de ouro.

Aos lados do estrado ficavam quatro tropheus de armas chinezas comprados em Macau pelo sr Demetrio Cinatti, distincto official da nossa marinha, por conta da Sociedade de Geographia, e differentes vasos com flores; tendo os tropheus d'armas chinezas, compostos de lanças, chuços, partazanas, alabardas e insignias militares, braceletes e massiços de rosas e camelias.

Pouco depois do meio dia entrou na sala o rei Eduardo VII á direita de el-rei D. Carlos, precedidos dos officiaes de marinha ingleza, rompendo por toda a sala calorosos vivas, executando a banda dos marinheiros, installada na sala da Bibliotheca, o hymno inglez e derivando das damas, que estavam nas galerias, uma chuva de petalas de rosa sobre os monarchas, n'um enthusiasmo que chegou a tocar o delirio.

S. S. M. M. então dirigiram-se para o estrado visivelmente commovidos e, tomando todos os personagens da comitiva os logares que lhes haviam sido destinados, estabeleceu-se profundo silencio, lendo em seguida o sr. Ferreira do Amaral, presidente da Sociedade de Geographia, a seguinte mensagem em inglez, dirigida a Eduardo VII.

SENHOR! — A vossa magestade sauda a Sociedade de Geographia de Lisboa, agradecendo respeitosa e summamente reconhecida a visita do Chefe do Estado da primeira nação colonial do mundo, ao templo onde se consagram os resultados da civilisação portugueza nos continentes que Portugal abriu á exploração européa, e faz votos para que a continuação da antiga alliança da Inglaterra e Portugal, que, no reinado de vossa magestade, tanto se tem affirmado, represente para os dominios ultramarinos d'um e d'outro paiz, uma era de prosperidade e trabalho commum, que mais ainda, se é possivel, estreite os laços de reciproca estima que os seculos teem consagrado, e de que as elevadas qualidades de espirito e de coração de vossa magestade são seguro e comprovado penhor.

Bemvindo seja o Grande Amigo de Portugal!
Bemvindo seja o Grande Rei Eduardo Setimo!

A Sociedade de Geographia de Lisboa.

Depois de novas acclamações o rei Eduardo levantou-se respondendo em francez:

«E' a segunda vez que venho a Portugal e pela segunda vez me sinto penhoradissimo pela recepção que o povo portuguez e o seu rei e meu caro primo me fazem.

A Inglaterra e Portugal são dois paizes que, pelas suas descobertas em todo o mundo, e pelas grandes colonias que fundaram, teem contribuido poderosamente para a civilisação universal.

A alliança e as relações de amisade entre os dois paizes não são de hoje, datam de seculos, mas nunca como hoje ellas foram mais estreitas nem mais cordeaes.

Quando sair de Portugal levarei indelevelmente gravado no coração o acolhimento enthusiastico com que Portugal me recebeu.»

Repetem-se as mesmas saudações enthusiasticas e os monarchas ao descer do estrado e ao dirigirem-se para a sala da «India» são de novo cobertos d'uma chuva de flores.

N'esta sala foram apresentados ao rei Eduardo, pelo sr Ferreira do Amaral e pelo sr. Marquez de Soveral, alguns membros dos corpos gerentes com quem o soberano se demorou conversando

No livro dos visitantes S. M. deixou escripto o seguinte registro.

Edouard R. de A., le 4 avril 1903

Eduardo VII para escrever estas palavras sentou-se, casualmente, na mesma cadeira em que o marquez de Pombal, segundo a tradicção, se sentou ao assignar o decreto da expulsão dos jesuitas.

N'esta sala, como é sabido, existem não só magnificos objectos de mobilia, fabricados em Gôa e outras terras indianas, que são verdadeiras preciosidades, como tambem mobiliario historico do continente, entre o qual se conta a cadeira do celebre marquez.

Por entre as acclamações da numerosa assistencia Eduardo VII saiu da Sociedade de Geographia acompanhado de el-rei D. Carlos e da comitiva, agradavelmente impressionado por ceri monia tão singela, mas tão caracteristica e significativa da parte d'uma collectividade que não tem só a missão de fazer perpetuar as tradições gloriosas que nos deixaram Bartholomeu Dias, Vasco da Gama, Fernão de Magalhães e outros vultos proeminentes, que fizeram Portugal grande nos mares, mas tambem a alta missão de encaminhar os governos e o espirito publico n'uma orientação digna da missão que temos de desempenhar como nação colonisadora, a par das nações mais adiantadas.

TIRO AOS POMBOS

A este numero do programma dos festejos em honra do monarcha inglez, que se realisou na Tapada d'Ajuda, assistiram, além dos dois soberanos, S. M. a rainha Senhora D. Maria Pia e sua alteza o sr. Infante D. Affonso.

Os atiradores inscriptos foram 32, sendo de 5$000 reis o preço de cada inscripção.

No torneio entraram:

Sua magestade el-rei D. Carlos, Marcelle Alvear, Carlos Ferreira, conde de Arnoso, Eduardo Santos Moreira, Eduardo Romero, João Baptista Fernandes, Jorge Lima, Rodrigo Peixoto, Antonio Maria de Sousa, conde d'Arge, Jorge Bleck, Guilherme Ferreira Pinto, Luiz de Sequeira Oliva, Oscar Blanc, marquez de Gouveia, marquez de Fayal, Jorge de Mendonça, Brandão de Mello, Carlos Duarte Luz, João Bregaro, José de Mattos, Antonio Cabral, barão Von Roon, José de Oliveira Soares, Augusto Ferreira Pinto Basto, Luiz Sommer, Alfredo O' Neill, Trindade Baptista, Manoel de Castro Guimarães, conde da Ribeira Grande, barão de Lage e Jorge Burnay.

Os premios foram tres:

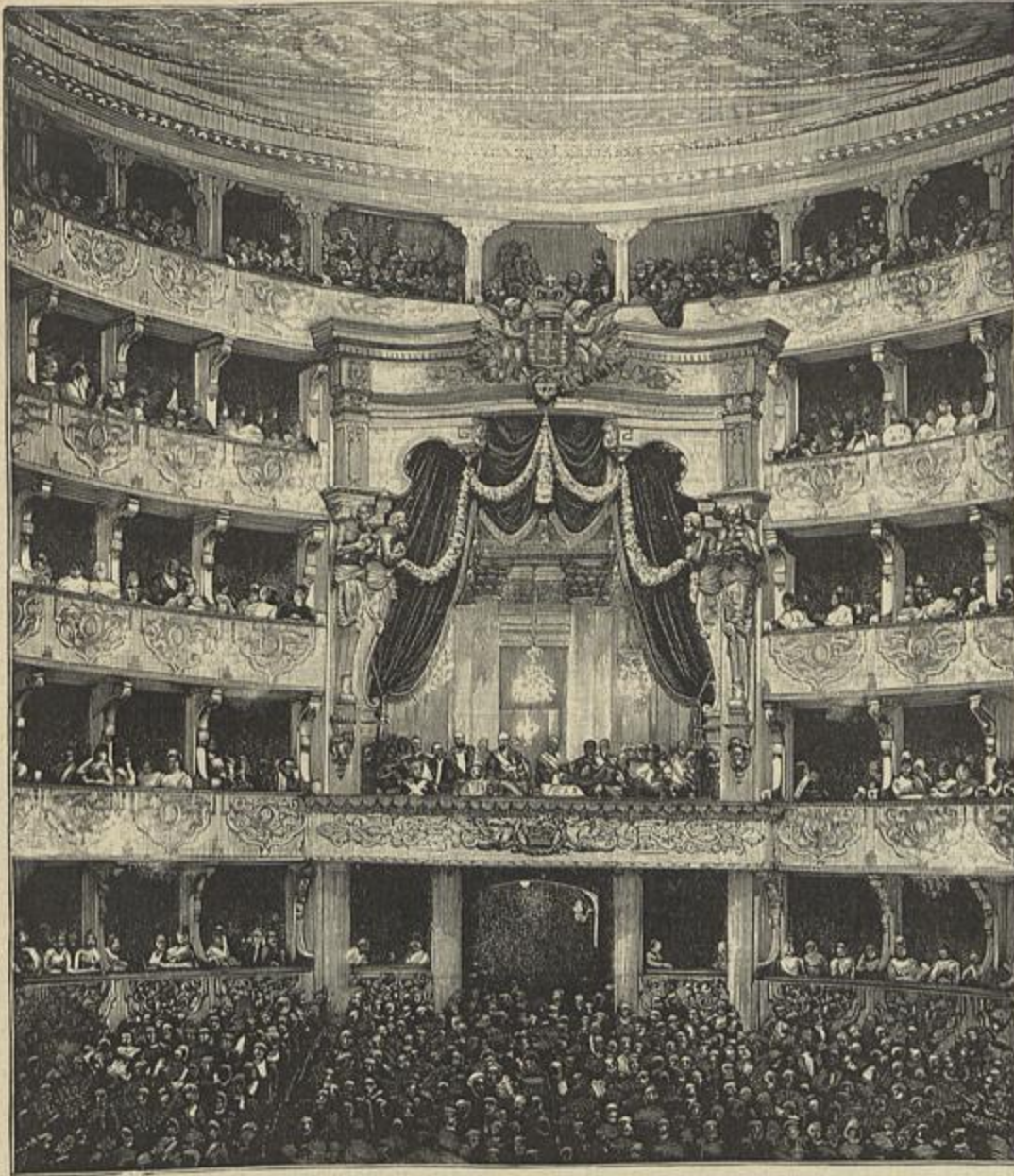
«Taça Eduardo VII», que foi ganha pelo sr. Alvear; dois terços das entradas, ganhos pelo sr. Trindade Baptista; um terço das entradas ganho pelo sr. Oscar Blanc.

A EGREJA INGLEZA

INAUGURAÇÃO DO CLUB INGLEZ — Direcção, socios e senhoras de suas familias

(Photographia do sr. J. M. Silva)

INAUGURAÇAO DO CLUB INGLEZ — S. M. Eduardo VII retirando do club

(Photographia do sr. J. M. Silva)

A RECITA DE GALA NO REAL THEATRO DE S. CARLOS

A «Taça Eduardo VII», a que tivemos já occasião de nos referir no nosso n.º 873, foi adquirida na ourivesaria Leitão & Irmão, e é mais um primoroso trabalho sahido da officina d'estes affamados artistas.

A peça tem de peso 6:230 grammas, e mede 50 centimetros no seu maior diametro. E' decorada com motivos manuelinos, toda fluchada e cercada de ornatos, assentando sobre seis columnas que descançam n'uma pequena base, sustentada por seis pares de cachorros.

A decoração escrupulosamente portugueza recommendava esta valiosa concepção da arte nacional que lhe imprimiu todo o seu cunho caracteristico, sendo essa uma das imperiosas circumstancias que levou a direcção do club a fazer a sua acquisição.

Como dizemos acima a taça coube ao sr. Alvear que, como o sr. Trindade Baptista, o segundo premiado, foi alvo dos mais enthusiasticos applausos por parte dos monarchas e dos assistentes.

RECITA DE GALA

A recepção feita ao monarcha inglez na recita de gala que se realisou em S. Carlos foi uma das mais enthusiasticas a que ali temos assistido.

Tudo que a nossa sociedade tem de mais selecto, de mais elegante, de mais distincto, concorrera n'essa noite a S. Carlos afim de se associar n'uma manifestação de sympathia e de respeito ao poderoso monarcha.

Não se descreve o fremito de enthusiasmo que percorreu a sala quando a familia real assomou á tribuna e se destacou entre ella a nobre figura do monarcha inglez vestindo o uniforme de coronel de cavallaria 3. Depois dos vivas da pragmatica, soltados pelo presidente da camara, os applausos romperam unisonos de todos os lados e foram delirantes e prolongados os vivas e os *hurrahs* a sua magestade Eduardo VII.

El-rei D. Carlos vestia o uniforme de coronel do regimento inglez Oxfordihire Light Infantery.

Na tribuna real estavam, além dos dois monarchas, sua magestade a rainha senhora D. Maria Pia e o sr. infante D. Affonso.

No camarote real das recitas ordinarias e nos dos camaristas estavam além da senhora Duqueza de Palmella, camareira-mór, as damas da rainha senhoras marquezas do Fayal, de Unhão, da Praia e Monforte e Bellas, e condessas de Villa Real, de Tarouca e de Bertiandos.

Nas frisas, 1, 8 e 20 viam-se officiaes da marinha ingleza, pertencentes á comitiva do rei Eduardo, e o camarote 30 era occupado pelo ministro

PRAÇA DO COMMERCIO NA OCCASIÃO DO EMBARQUE DE S. M. EDUARDO VII

(Phot. do sr. J. M. Silva)

de Inglaterra e esposa e pela senhora D. Joanna Hintze Ribeiro.
No camarote dos ministros estavam as esposas d'alguns d'elles, acompanhadas pelo sr. governador civil, em cuja frisa se via o sr. commandante da policia de Lisboa e o coronel de cavallaria 3 de Eduardo VII, sr. Duarte Silva.
No camarote 25 achavam-se os presidentes e secretarios das duas camaras legislativas.
A opera escolhida foi o *Barbeiro de Sevilha*, de Rossini, em cujo desempenho figuraram Regina Pacini, tenor Constantini, barytono Bensaude, baixos Perelld e Fermanti.
O theatro de S. Carlos, que foi inaugurado no dia 30 de Junho de 1793, faz precisamente agora 110 annos, recebia então n'essa mesma tribuna onde o rei de Inglaterra e o de Portugal foram alvo de tão enthusiastica manifestação, D. Carlota Joaquina de Bourbon e o principe D. João, acclamados tambem calorosamente pelo nosso povo, saudando aquella festa commemorativa do nascimento da princeza da Beira, D. Maria Thereza.

NA EGREJA INGLEZA

O dia 5 iniciou-o S. M. Eduardo VII assistindo a um officio da religião anglicana, na egreja ingleza á Estrella.
O monarcha inglez foi recebido á porta do templo pelos directores da egreja mrs. Mascarenhas, Jauncey, Jayme, organista Frank Piper, que exerce as funcções de mestre de cerimonias, e pelas sr.as Westall, Rawes, Mc. Clamont, Mascarenhas, Dawson, Aickiet, Elleston, Jones, Cambell, Theobald, Sleigh, Hickie, Elleston, e srs. Mitchell, Shore, Dean, Aickie, Rowe, Mc. Millan, Tisse, Pope, Dartford, Collies, Williams e Rawes, formando alas toda a colonia ingleza desde a porta até á egreja.
Durante o officio Eduardo VII tomou logar n'uma cadeira de pau santo, toda em relevo e forrada de veludo vermelho, collocada entre os dois bancos da frente, que estão no corpo da egreja.
Depois do revd.º Westall resar a missa e feito a predica do ritual, o monarcha, acompanhado do seu camarista e ajudante, sahiram da egreja, em visita piedosa á mansão dos mortos, demorando-se mais especialmente junto dos tumulos d'um romancista inglez que, de passagem em Lisboa, aqui falleceu ha annos, e o d'um general morto na guerra peninsular, cujas cinzas repousam no cemiterio dos inglezes.

ALMOÇO NA LEGAÇÃO

Da egreja ingleza foi S. M. Britannica para a legação onde se effectuou o almoço que foi servido na vasta sala de baile ornamentada para esse fim.
Durante o almoço, um grupo de bandolinistas, composto dos srs. Manuel Gomes, regente, Thomaz Ribeiro, Caetano Nogueira, Henrique de Castro, Daniel Rodrigues, Luiz Gomes, Alfredo Rapozo e José de Carvalho, executou os hymnos inglez e nacional, miscellanea de fados, rapsodias populares, *pot-pourri* dos *Hugnotes* e a symphonia do *Campanone*.
Terminado o almoço o rei Eduardo dirigiu-se para o salão nobre, afim de receber as deputações das colonias inglezas de Lisboa e Porto.

ENTREGA DAS MENSAGENS

A colonia ingleza do Porto entregou uma mensagem congratulatoria a Eduardo VII, encerrada n'uma pasta de rico veludo carmezim, tendo na frente o monogramma do rei de Inglaterra, sobrepujado da coroa real ingleza e duas dobradiças decorativas, que davam bello realce no conjuncto. Na parte posterior estavam as armas da cidade do Porto, primorosamente gravadas.
Estas ornamentações, de um trabalho esmeradissimo, eram todas em ouro, sendo a composição e desenhos do sr. José Rosas Junior, alumno laureado das principaes escolas de bellas-artes de Londres, onde foi educado.
A mensagem era escripta em caracteres antigos, illustrada com encantadoras illuminuras e com trechos de pontos notaveis do Porto.
Era egualmente um bello trabalho em prata do ourives e cinzelador sr. José Martins Candido o estojo para a mensagem que a colonia ingleza em Lisboa entregou ao seu monarcha.
O estojo representava as armas de Inglaterra e era guarnecido de ornatos em estylo Renascença, tendo no tampo a seguinte inscripção:

«Adress presented to King Eduardo VII by British subjects residing in Lisbon — April 1903».

CLUB INGLEZ

Da legação o rei de Inglaterra foi inaugurar o club installado no palacio do Conde d'Obidos, para que foi convidado pela colonia ingleza na recepção a que nos referimos no palacio da legação.
S. M. foi recebido á porta pelo ministro inglez mrs. Gosselin, que é o presidente da direcção do club, e pelo vice-presidente consul inglez, e vogaes mrs. Lishgott, J. Ralbes, Mac Billa, Barley, Dartford, Frazer, Lane, Marsden, S. Ralbes e Walker.
A' sua entrada um sexteto executou o hymno real inglez.
Eduardo VII visitou todo o edificio, que se compõe além da sala em que se realisava a sessão, que é vasta e elegante, d'uma sala de entrada, sala de leitura e sala de bilhar.
No terraço que tem um delicioso golpe de vista sobre o nosso Tejo, estava disposto o *buffette*.
Depois de ali se demorar alguns instantes admirando o bello panorama, o rei voltou á sala onde se realisava a ceremonia, e inaugurou o club proferindo as seguintes palavras:
«E' um grande melhoramento este club e felicito-vos pelo seu esplendido local e magnifica vista.»
«Desejo de todo o coração ao club as maiores prosperidades e sinto um profundo prazer em o declarar inaugurado».
Em seguida assignou o seu nome como socio da seguinte fórma:—Eduard R. & I— april 5 — 1903.
A' sessão presidiu o sr. ministro d'Inglaterra.
O rei Eduardo saiu em seguida do club, sendo á sua retirada muito saudado com repetidos «hurrahs» tocando o sexteto o «*God save the King*».

JANTAR DE GALA

No jantar de gala que se realisou no Paço d'Ajuda e para o qual haviam sido distribuidos duzentos convites, fizeram-se apenas dois brindes: o primeiro de El-rei o sr. D. Carlos, em francez, saudando o rei Eduardo VII pela sua visita a Portugal, dando-lhe as boas vindas e significando a satisfação de ver cada vez mais estreitadas as relações de amisade entre as duas nações alliadas e accentuando que o dia 2 de abril ficará sendo memoravel para Portugal, visto representar uma data que affirma mais uma vez a estreita cordealidade de relações e amisade que nos liga á nação ingleza.
Que fôra para elle monarcha de inexprimivel satisfação e regosijo, o ver no dia da chegada do augusto soberano de Inglaterra fluctuarem os estandartes das duas nações no bergatim real que os conduzira do «Victoria and Albert» para terra.
Que Portugal sempre e em todas as occasiões considerára o rei Eduardo como seu dedicado amigo, o que era uma prova frisante dos laços de requintada amisade que unem as nações portugueza e ingleza.
Respondeuo rei Eduardo, tambem em francez, agradecendo a maneira como tinha sido recebido e as provas captivantes que o povo portuguez, sempre tão hospitaleiro, lhe tinha dado.
Leva de Lisboa as mais gratas recordações, que jamais se apagarão da sua memoria e do seu coração.
O jantar começou ás 9 horas em ponto, terminando ás 10 horas e meia.

O aspecto da sala era deslumbrante para o que muito concorriam os ricos adereços e *toilettes* das damas, as fardas agaloadas, a profusão das luzes, dos crystaes e das pratas.
O rei Eduardo trajava o grande uniforme de coronel de cavallaria 3, tendo ao peito a grã-cruz da Torre e Espada.
Sua magestade el-rei D. Carlos vestia o grande uniforme de commandante honorario do 49 d'infantaria ingleza.
A rainha senhora D. Maria Pia ostentava uma rica *toilette* de seda, com colar de brilhantes e um esplendido diadema de saphiras e brilhantes.
Sua alteza o sr. infante D. Affonso vestia o grande uniforme de general de brigada, tendo posto ao peito, pela primeira vez, a grã-cruz da real ordem Victoria.

VISITA AO RECOLHIMENTO DO BOM SUCCESSO

Este convento fundado pela condessa da Atalaya, D. Iria de Brito, recebeu a visita do rei de Inglaterra no dia 6, sendo-lhe feita recepção brilhantissima pelas freiras dominicanas que ali estão installadas.
O convento achava-se luxuosamente decorado.
As salas e o corredor estavam ornamentados com plantas, tropheus, flôres e quadros de grande valor.
A ornamentação do claustro e da escadaria eram egualmente d'um bello gosto. Plantas, flôres, bandeiras, tropheus, tudo por alli se via disseminado com arte e em grande profusão. A sala da communidade onde o rei Eduardo foi recebido, apresentava um aspecto deslumbrante. Ao fundo d'essa sala foi armado um docel de veludo cinzento e carmezim, sob o qual se collocou uma riquissima cadeira de talha dourada, estylo Luiz XVII, com uma almofada bordada a ouro e perolas. Era este o assento destinado ao rei Eduardo VII.
Nas paredes viam-se muitos tropheus com as bandeiras de Inglaterra e de Portugal, um retrato de Leão XIII, o retrato de Eduardo VII, quando ainda era principe de Galles, o da rainha Alexandra, etc.
A' chegada do rei as educandas, acompanhadas a harpa cantaram o hymno real, depois Eduardo VII, visitou a egreja admirando o sacrario de prata que ali existe em forma de pyramide, e entrando na sala da communidade foi sentar-se na cadeira sob o docel.
A menina Maria Isabel Antunes offereceu em tão um mimoso ramo de flôres ao soberano, acercando-se em seguida o revd.º Paulo O'Sulivand, do Corpo Santo, que leu uma mensagem e á qual o rei agradeceu.
Em seguida o côro das educandas entoou o *God save the King* e Eduardo VII retirou-se com os srs. condes de Tarouca, Ponsonby, ajudante de campo e Edward Laking, que o haviam acompanhado n'aquella visita.

REVISTA AO REGIMENTO DE CAVALLARIA 3

De volta do recolhimento do Bom Sucesso S. M. Eduardo VII, que era esperado no paço das Necessidades por el-rei D. Carlos e pelo sr. General de Divisão Craveiro Lopes e outros perso-

TOIRADA NA PRAÇA DO CAMPO PEQUENO — AS CORTEZIAS

(Photographia do sr. Arnaldo da Fonseca

nagens da côrte, aguardou a chegada do regimento de cavallaria 3, que pouco depois entrava no largo das Necessidades, fazendo a continencia e formando em frente do palacio, a cujas janellas estavam já os dois monarchas.

Abertas as fileiras na cavallaria o sr. coronel Silva apeou-se indo com a officialidade do seu regimento ao palacio apresentar-se a Eduardo VII.

El-rei D. Carlos e o rei de Inglaterra desceram então ao atrio, e ali se trocaram os mais respeitosos e cordeaes cumprimentos.

Eduardo VII apertou a mão a todos os officiaes e el-rei D. Carlos saudou-os em continencia.

Do regimento foram tambem á presença do soberano inglez um sargento, um soldado e um clarim aos quaes S. M. condecorou com medalha especial.

Em seguida voltaram officiaes e soldados aos seus postos e, dado o respectivo signal e todos a cavallo, começou a marcha em continencia, assistindo os monarchas de uma das janellas do palacio.

A TOURADA

A praça foi vistosamente decorada para a corrida em honra de Eduardo VII e quanto á lide raras vezes se tem dado que fosse tão completa não só devido á bravura dos animaes como pelo arrojado trabalho dos artistas que n'ella tomaram parte.

Constituiu um dos seus mais bellos attractivos o apparato com que a cerimonia das cortezias foi revestida, que nos transportou ás epocas em que estes espectaculos tinham toda a grandeza e esplendor de tempos mais aureos.

O CONCERTO NO PAÇO D'AJUDA

O concerto no real paço d'Ajuda, gentilmente offerecido por S. M. a rainha sr.ª D. Maria Pia ao illustre hospede, constituiu um dos mais bellos e distinctos numeros dos festejos.

Alem da orchestra do real theatro de S. Carlos sob a regencia do illustre maestro Campanini a qual executou um programma delicioso, tomaram parte Regina Pacini, Perella e Constantini, sendo todos delirantemente victoriados.

Findo o concerto serviu-se uma delicadissima ceia na sala grande, tomando logar á mesa SS. MM. e o sr. infante D. Affonso, sendo volante o serviço dos convidados.

A DESPEDIDA

Com a sessão solemne da Associação Commercial de Lisboa, na sala do Tribunal do Commercio, terminaram as festas em honra do rei de Inglaterra.

Porem, nem por ser a ultima esta manifestação deixou de ser mais nobre, mais levantada e imponente, como era mister que o fosse, tratando-se da alta significação que ella tinha.

A' mensagem lida pelo sr. Simões d'Almeida, presidente da Associação Commercial, respondeu o monarcha britannico, e as suas palavras expontaneas e sinceras produziram tão vivo enthusiasmo nos assistentes, que os applausos retumbaram unisonos, e tão persistentes e calorosos que commoveram visivelmente o monarcha, sendo por entre acclamações que elle realisou o seu embarque no bergantim que o conduziu a bordo do *Yacht and Albert*.

Ali, depois do almoço fizeram-se as ultimas despedidas, e emquanto S. M. el-rei D. Carlos regressava a terra procediam-se ás manobras para largar a amarração.

Pouco antes das 5 horas da tarde o *Yacht Victoria and Albert* singrava Tejo abaixo demandando a barra, seguido d'uma numerosa flotilha.

O rei Eduardo sobre a ponte, acena para os que estão mais proximos e então cruzam-se no ar gritos e palmas, vivas e *hurrahs*, partindo de todos os barcos, n'um impeto de enthusiasmo. As bandas tocam de novo o hymno inglez, Eduardo VII mostra-se então deveras commovido e os marinheiros acenam os lenços ou os chapeos como que agradecendo as provas de sympathia de que o seu rei está sendo alvo.

Os cruzadores portuguezes *D. Carlos* e *D. Amelia* seguem sempre nas aguas dos cruzadores inglezes *Miverva* e *Venus* e do *Yacth*, mas entre S. Julião e o Cabo Espichel, adiantam-se salvando com 21 tiros, soltando a marinhagem os sete vivas da ordenança correspondidos pelos vivas enthusiasticos das guarnições dos navios inglezes.

R.

NECROLOGIA

EMILIA LOPES

Quando morre uma actriz, sentimos quasi sempre uma dolorosa surpreza, ainda que só a conhecessemos de a ver no palco.

Será por julgarmos que essas pobres creaturitas, á força de nos apparecerem irmanadas com as eternas creações dos poetas, gosam tambem o dom da immortalidade? Ou porque, tendo-as visto resuscitar mil vezes, depois de nos affligirem com o espectaculo da sua agonia scenica, resistamos a acreditar que alguma vez tenham de morrer como todos os que nasceram?

Coitadas!

Que vida de consumpção e de febre ellas passam no seu pequenino mundo, cujo ceo, feito de tiras de lona pintada, é esmaltado pelas estrellas das gambiarras; n'esse mundo microscopio, de que foi creador o scenographo e em que os pontos cardeaes são a direita, a esquerda, o fundo e o proscenio!

N'aquelle ambiente abafadiço, impregnado pelo cheiro da colla e das tintas, vivem na lucta constante dos papeis — tanto na de estudal-os, como na de os apanharem — espicaçadas pelo desejo de não ficarem para traz, atiçadas pela emulação, pelas rivalidades. E assim quantas definham, e se estiolam, e vão contrahindo doenças dos pulmões ou do coração — algumas d'estas são quasi inherentes ao officio — e chegam precocemente a um desenlace muito mais real e doloroso, que o de certos ultimos actos em que as Mimis e as Margaridas Gauthiers nos affligem com os arrancos de uma tisica fingida ou de uma lesão cardiaca simulada.

Quando se espalhou que Emilia Lopes tinha morrido houve aquella mesma impressão.

— Mas eu ainda outro dia a admirei na velha do *Tartufo!* dizia um espectador do theatro, abanando a cabeça com ar duvidoso.

— E eu applaudi-lhe hontem, pode-se dizer, a tirada do terceiro acto do *Pae prodigo!* exclamava outro.

— No domingo de entrudo, tornava o primeiro, lembro-me perfeitamente de que ella fez, no *Solar de Bentley*, aquella ricaça que diz muitas asneiras.

— Pois agora a asneira foi da actriz, e a maior de todas, replicou a pessoa que dera a noticia; morreu!

— Pode lá ser! Parecia tão bem disposta n'aquella noite!

— Já não lhe doe nada! replicou o outro, empregando a usual expressão popular.

Emilia Lopes, que effectivamente acabou a sua carreira artistica tomando parte no desempenho d'aquellas tres peças, succumbiu no dia 22 de março a uma pneumonia dupla, que succedeu a um ataque de grippe.

Tinha-se dedicado a actriz no Porto em 1886 e estreou-se no theatro Baquet fazendo um papel no drama de Feuillet *Nobres e plebeus*. Desempenhou depois, no mesmo theatro, o papel de Madame Hugon no drama *Nana*, e entrou nas *Noites da India* e na revista *O Porto por um oculo*.

Escripturada pela empresa do Gymnasio, veiu para Lisboa no anno seguinte e appareceu na comedia *Coupé 117*.

Entrou em 1892 para o theatro de D. Maria, onde fez a sua primeira apparição no drama o *Intimo*, de Eduardo Schwalbach. Representou depois no *Amigo Fritz*, dando com toda a delicadeza e sentimento a parte da creada velha, e na *Sociedade onde a gente se aborrece* (papel da condessa de Céran). O retrato que acompanha a presente noticia, tirou-o a actriz vestida para esta ultima peça.

Foi de D. Maria para a Trindade em 1897, e ali tomou parte em quasi todas as peças do reportorio taes como: *Honra*, *Musotte*, *Dois garotos* (Soror Simplicia), e *João Darlot*.

Ao constituir-se em 1898 a actual sociedade emprezaria do theatro de D. Maria, Emilia Lopes foi admittida como actriz de segunda classe e ali prestou optimos serviços, revelando sempre novos progressos, mercê das lições recebidas do actor Augusto de Mello, que era então o ensaiador do theatro e cujo trabalho e talento artistico o publico e a imprensa tantas vezes teem galardoado.

Muitos foram os bons papeis de Emilia Lopes, taes como o de Madame Mercadet, na bella comedia de Balzac, o da duqueza de la Rive na *Catherina* de Lavedan, e o da velha Heinek na *Honra* de Sudermann, etc.

Se n'estas peças se mostrou actriz intelligente e conscienciosa pela delicadeza com que sabia compor os seus papeis, no *Tartufo* attingia a perfeição,

O seu melhor trabalho foi sem duvida na interpretação de Madame Pernelle, personagem que o Visconde de Castilho na magnifica adaptação da obra genial de Molière chrismou com o nome de Dona Rosaria, o qual bem se coaduna com o beaterio da mãe de Orgon.

Ver Emilia Lopes entrar no principio do primeiro acto, era ver entrar uma devota portugueza do seculo XVIII, sem lhe faltar o minimo pormenor para bem definir e nacionalisar o personagem, de sorte que o espectador chegava a esquecer-se de que estava a assistir a essa representação theatral, de tal maneira o dominava a ficção.

E ouvindo a actriz ainda mais se convencia de que tinha realmente deante de si a «velha beata e rabugenta» segundo a define o transplantador.

Como ella acudia em defesa de Tartufo, dizendo enfurecida:

«E tudo que elle ralha é muito bem ralhado;
quer leval-os ao céo! Deviam, infelizes,
onde ellepõe os pés, pôr vocês os narizes!»

E quando falava aos netos, como sabia mostrar-lhes ternura maternal nas palavras:

«criei-os pequeninos,
e sou a sua avó (por mal dos meus peccados)»,

frizando a transição n'este ultimo hemistichio, de modo que se via quanto a rabugice era agora dulcificada pelo carinho.

O *Tartufo* alcançou um bom desempenho no theatro de D. Maria, — porem justo é dizel-o — nenhum dos interpretes foi, como a actriz ultima-

COCHE DE D PEDRO V CONDUZINDO S. S. M. M. EDUARDO VII E D. CARLOS I
PARA A SESSÃO SOLEMNE
DA ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL DE LISBOA, NA SALA DO TRIBUNAL DO COMMERCIO
(Photographia do sr. Henri Dupuis)

mente fallecida, tão perfeito, tão genuinamente portuguez.

Uma curiosa coincidencia:

Emilia Lopes era muito religiosa. Pois as ultimas palavras de Dona Rosaria, o seu melhor papel e o penultimo que representou, são estas: «Amen! Virgem Maria!»

Maximiliano de Azevedo

TAÇA EDUARDO VII, EXECUTADA NOS *ATELIERS* DOS SRS. LEITÃO & IRMÃO

PRIMEIRO PREMIO DE TIRO AOS POMBOS GANHO PELO SR. ALVEAR

ACTRIZ EMILIA LOPES

FALLECIDA EM 22 DE MARÇO DE 1903